

O mundo visto por Dilbert

STEVEN LEVY

A história de como o criador do famoso personagem dos quadrinhos deixou um emprego burocrático para transformar-se em enorme sucesso

A GERENTE DA empresa parou junto a um dos funcionários e reparou na tira de quadrinhos do personagem *Dilbert*, pregada na divisória. No desenho, o chefe reclamava de um relatório que, já revisado, ainda se achava por demais legível. *Será que o Dilbert não poderia complicar um pouco a linguagem?*

“É”, disse ela sorrindo. “É assim mesmo que acontece, não?” E mudou de assunto. Depois de revisar o documento pela sétima vez, pediu que o funcionário refizesse o texto.

Para os admiradores de *Dilbert* – o personagem dos quadrinhos, engenheiro sem boca, que usa a gravata sempre torta –, não há dúvida de que a verdade sobre as relações de trabalho nas empresas não está nem nos livros de administração nem nos relatórios dos gurus do mundo de negócios. Está em *Dilbert*, criação do cartunista Scott Adams, 40 anos, timidamente charmoso, tolamente sedutor e gentilmente subversivo – assim como seu oprimido personagem.

“É a melhor visão da realidade das empresas que já vi”, diz Michael Hammer, co-autor de *Reengenharia das empresas* e fã de *Dilbert*, ainda que Scott Adams também ironize suas teorias. Guy Kawasaki, especialista em marketing na Apple Computer, concorda:

“Só existem dois tipos de empresas: as que admitem que são iguais às empresas das histórias de *Dilbert* e aquelas que são iguais, mas não sabem disso.”

Dilbert é um perdedor, meio idiota, que vive batalhando dentro de seu cubículo de trabalho. Não é respeitado nem arranja namorada. Seu cachorro, *Dogbert*, que parece uma batata, é o confidente, franco porém cruel. Sonha governar o mundo e transformar os humanos em escravos. O personagem *Catbert* é o diretor de recursos humanos da empresa, e faz dos empregados “gato e sapato”.

Quase todo mês, surge no trabalho de *Dilbert* nova mania em matéria de gerenciamento. Cai do céu como goteira. Os engenheiros entendem como o trabalho funciona, mas os chefes estão

Scott Adams transformou a ironia do mundo dos negócios no próprio negócio de milhões de dólares



DILBERT'S **TOP SECRET**
MANAGEMENT
HANDBOOK
As told to
SCOTT ADAMS
author of *The Dilbert Principle*

THE
DILBERT
PRINCIPLE
A Cubicle's
Eye View of
Bosses, Meet
Management
Other Wor
SCOTT ADAMS
Creator of

TECHNOLOGY

**YOU DON'T NEED
EXPERIENCE
YOU JUST
NEED
ATTITUDE**

**CONVERSATIONS
WITH
DILBERT**

**FUGITIVE
FUGITIVE
FUGITIVE**

**an infamous guide to
COFFEE**
that only other people

DILBERT

por fora. E surge a ordem superior, por exemplo, para que se empregue enorme quantidade de tempo tornando tudo “compatível com o sistema ISO 9000”. Só que ninguém sabe o que é ISO 9000. Por trás disso, arde a fogueira das vaidades e da competição.

Não é exatamente o inferno, mas está perto. Adams admite que aqueles dois tufos de cabelo na cabeça quase careca do chefe foram modelados nos chifres do diabo. O dogma central da visão pessimista das empresas é chamado “O Princípio Dilbert”. Ou, como Adams explica: “Os empregados mais ineficientes são sistematicamente colocados na função onde podem fazer menos malefícios: o gerenciamento.”

Será que é tudo tão ruim na vida real? Ao contrário, algumas pesquisas mostram que muitos estão satisfeitos nos empregos. Por que será então que está todo mundo lendo *Dilbert* e dizendo: “Ei! No meu emprego é assim”? Adams tem a explicação: “A maioria diz: ‘Meu emprego é bom, mas hoje eu tive um dia terrível.’”

Quem lê *Dilbert* tem sensação de revanche ou pelo menos experimenta catarse agradável ao identificar a natureza do mal: a idiotice generalizada e difundida das empresas americanas. Criado em Windham, Nova York, Adams sempre sonhou ser cartunista – mas formou-se em Economia, para o caso de sua carreira de cartunista não dar certo (no único curso de desenho que fez, tirou conceito B-).

Adams passou 17 anos trabalhando em empresas, incluindo um período de nove anos na área de tecnologia, en-



S. Adams E-mail: SCOTTADAMS@AOL.COM



S. Adams E-Mail: SCOTTADAMS@AOL.COM

terrado num cubículo da sede da Pacific Bell, no Norte da Califórnia.

“Achava que se trabalhasse duro e fosse esperto, podia ser promovido. Mas concluí que, para isso, precisava também ser alto e ter cabelos bonitos”, conta ele, com seus 1,60 m de altura e o cabelo louro visivelmente ameaçado.

Dilbert no mais querido dos rituais coletivos



Dilbert passando a dianteira



Adams chegou a subir no emprego da PacBell, mas boa parte do que fazia tinha relação com aquilo que iria satirizar depois. Só que não aceitou passivamente o destino. Ao contrário, foi afirmativo. “A idéia básica é você escrever seu objetivo 15 vezes por dia. Depois, é só observar como

aquilo que está acontecendo vai fazer com que ele se materialize.”

Logo estava escrevendo “Vou tornar-me cartunista profissional”, 15 vezes ao dia. Adams condicionou as tiras de *Dilbert* em que estava trabalhando num pacote bem-feito e mandou-os aos sindicatos. Em meio ao punhado de

“nãos”, recebeu um “sim”: do Sindicato United Media’s United Feature, ao qual seu ídolo Charles Schulz é filiado.

Em pouco tempo, estava escrevendo “Serei o melhor cartunista do mundo”. E decidiu que o número de livros vendidos seria a medida de seu sucesso. Mas não foi só a determinação que tornou *Dilbert* popular. Além de sujeito engraçado, Adams é também esperto homem de negócios (tem mestrado em Berkeley, na Universidade da Califórnia).

Após assinar contrato com o sindicato, trabalhou duro em *Dilbert*. No entanto, um ano depois a tira estava saindo em menos de cem jornais. “Resolvi então pesquisar o que meus leitores queriam.” Em 1993, colocou seu endereço eletrônico na tira dos quadrinhos e, quase instantaneamente, começou a receber o retorno de que precisava – mais sátira sobre a vida nos escritórios.

“As tiras que contavam histórias sobre o mundo dos negócios estavam sendo penduradas nas paredes”, diz ele. “Então passei a dar mais ênfase ao mundo dos negócios e da tecnologia, em 80% dos desenhos. Foi aí que a tira deslanchou.”

Em apenas cinco anos, *Dilbert* passou de quadrinho *cult* para fenômeno de massa. Adams, que saiu da PacBell em 1995, agora dirige o império *Dilbert*, de pequena casa no norte da Califórnia. A tira de quadrinhos agora aparece em mais de 1.550 jornais de todo o mundo. A página de *Dilbert* na Internet recebe 100 mil consultas por dia. Os pedidos de licença para usar a parafernália *Dilbert* – calendários, brinquedos



de pelúcia, gravatas, canecas de café e *mouse pads* – crescem sem parar. E o livro mais recente de Adams, *Dogbert's top secret management handbook* (Manual secreto de gerenciamento de Dogbert) já é *best-seller*, assim como *O Princípio Dilbert*, que vendeu mais de 1,3 milhão de cópias.

Dilbert e a nova produtividade



© 1993 United Feature Syndicate, Inc.



Dilbert e patrões idiotas



Sendo assim, o que será que Adams está escrevendo 15 vezes por dia?

“Ganharei o prêmio Pulitzer!”

Ele espera que algum dia os quadrinhos acabem mudando a realidade que ironizam. “Disseram-me que há uma empresa com Comitê de Dilbertização”, conta ele. “A idéia é descobrir fa-

tos que possam ser assunto de uma tira do *Dilbert*, e depois mudar a situação.”

Mas para que os quadrinhos tenham esse efeito, seria necessário primeiro que os chefes entendessem a piada. E, segundo o Princípio Dilbert, isso só vai acontecer no dia em que os cubículos aprenderem a voar. 🐦



ENTRE ASPAS

Todo o tipo de arte, assim como todo o tipo de amor, está enraizado no sofrimento.

Alfred Stieglitz, citado por Dorothy Norman em *Encounters: a memoir*

Abençoados os que não têm nada a dizer e que não se deixam persuadir a dizê-lo.

James Russel Lowell

O turista comum quer visitar locais onde não haja turistas.

Sam Ewing

As flores são as coisas mais lindas que Deus fez – e esqueceu-se de dar-lhes alma.

Henry Ward Beecher

O futuro é hoje e, se não corrermos, terá sido ontem.

Oscar Lorenzo Fernandez, citado por Roberto Campos em *O Globo*

Permita-se guardar uma alegria. Estenda as mãos e apanhe-a quando ela passar.

Carl Sandburg

Não há nada que saia de moda mais depressa do que as tentativas de ontem de ser controverso.

Jonathan Coe, Jimmy Stewart, *A wonderful life* (Arcade)

Todos precisam de recordações. Elas afastam o horror da insignificância.

Saul Bellow, *Mr. Sammler's planet* (Viking Penguin)

O caminho é o que importa, não o seu fim. Se viajar depressa demais, vai perder aquilo que o fez viajar.

Louis L'Amour, *Ride the dark trail* (Bantam)

Pode-se avaliar um homem pela medida do que é preciso fazer para desencorajá-lo.

Robert C. Savage, *Life lessons* (Tyndale House)

Se não puder abraçar as crianças, guarde-as em seu coração.

Madre Clara Hale

Vou lhes contar o segredo que me conduziu à vitória. Minha força reside na minha tenacidade.

Louis Pasteur

A sorte não é um acaso, é trabalho árduo. O sorriso valioso da sorte é conquistado.

Emily Dickinson